

A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS ON-LINE PELO POVO INDÍGENA TEMBÉ-TENETEHARA DURANTE A FESTA DO MOQUEADO

Nice Hellen Mateus Oliveira Miranda

Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, na Universidade da Amazônia (PPGCLC-Unama); licenciada em Pedagogia, Tecnóloga em Processamento de Dados e graduanda em Jornalismo, com especialização em Informática na Educação. É também pesquisadora nos grupos Capital Social e Cultural (Unama) e Narramazônia (UFPA) e integra o corpo editorial das revistas Asas da Palavra e Movendo Ideias. E-mail: nicefred@uol.com.br. Orcid 0000-0001-7313-9108.

Analaura Corradi

Doutora em Ciências Agrárias – agroecossistemas amazônicos (UFRA); Mestra em Linguística (UFPA); docente titular na Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém, Pará Brasil, nos cursos de Graduação em Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo), Design Gráfico, Moda, Design de Interiores e dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura e de Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano da UNAMA. Coordenadora do Grupo de Estudos Capital Social e Cultural; Membro dos grupos de estudos Narramazônia; Batuques e Academia do Peixe Frito. E-mail: corradi7@gmail.com Orcid 0000-0003-0432-1875.

Resumo: Este artigo analisa a utilização das mídias digitais pelo povo indígena Tembé-Tenetehara durante o ritual da festa do Moqueado, realizado de 26 de agosto a 1 de setembro de 2019, na aldeia sede, no município de Capitão Poço, Estado do Pará. Essa população indígena cultua anualmente rituais de vida, como o ritual com o nome tradicional de “Wyra Whan”, “Festa do Moqueado” ou “Festa da Moça”, que trata de uma transição para a fase adulta. O método de abordagem utilizado neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, relacionada com o método da etnografia e técnica da observação participante. A partir da pesquisa de campo, notamos a relevância das tecnologias digitais no processo de divulgação da tradição e da cultura indígena, quando os membros da comunidade registram e divulgam a história de seu povo e revivem aspectos de sua tradição cultural, utilizando, para isso, ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: Povo Tembé-Tenetehara. Mídias Sociais *On-line*. Festa do Moqueado.

Abstract: This article analyzes the use of digital media by the Tembé-Tenetehara indigenous people during the ritual of the Festa do Moqueado, held from August 26 to September 1, 2019, in the main village, in the municipality of Capitão Poço, State of Pará. The indigenous person annually

worships life rituals, such as the ritual with the traditional name of “Wyra Whan”, “Festa do Moqueado” or “Festa da Moça”, which deals with a transition to adulthood. The method of approach used in this work was qualitative research, related to the method of ethnography and the technique of participant observation. From the field research, we noticed the relevance of digital technologies in the process of disseminating indigenous tradition and culture, when community members record and disseminate the history of their people and relive aspects of their cultural tradition, using, for this, technological tools.

Keywords: Temb -Tenetehara people. Online Social Media. Festa do Moqueado.

INTRODUÇÃO

Tanto o avanço da tecnologia quanto o surgimento da internet propiciaram novas formas de comunicação e interação, estabelecidas por meio de estruturas midiáticas digitais. As ferramentas midiáticas tornaram-se indispensáveis para um grande número de usuários, favorecendo a sociabilidade a partir de diversas formas de convergência, pois é nesses espaços de conexões virtuais que os integrantes compartilham informações, opiniões e formam grupos com interesses específicos.

Dessa forma, por meio do uso das tecnologias digitais, torna-se possível a reprodutibilidade, ligando o social em rede. Castells (2016, p. 12) defende essa ideia nestes termos: “A internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores: é a rede que liga a maior parte das redes”. Para Miller e Slatter (2004), a internet é um conjunto de tecnologias que as pessoas utilizam em diferentes localidades, espalhadas por todo o mundo.

Essa interação de que fala Castells não produz efeito apenas em uma dimensão cultural, mas poderá trazer efeitos significativos na construção da autoapresentação, na conscientização e observação de si mesmo, para que o indivíduo seja reconhecido na sociedade conectada em rede. Assim, pode-se dizer que as comunidades indígenas vêm utilizando a internet e as mídias sociais para divulgar sua cultura e ancestralidade e, até mesmo, como forma de resistência.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a utilização das mídias digitais pelos povos tradicionais, especificamente pelos Temb -Tenetehara do Alto Rio Guamá, durante a Festa do Moqueado, quando tais mídias são adotadas como forma de divulga o e socializa o de suas tradi es e práticas culturais ancestrais.

Para isso, foi empregada a pesquisa qualitativa, a partir de uma observação participante na aldeia Tembé-Tenetehara, quando participamos durante todo o período da festa da Moça, realizado de 26 de agosto a 1 de setembro de 2019, na aldeia sede, no município de Capitão Poço, Estado do Pará. Buscando, assim, compreender os passos que tecem o ritual, partindo de uma análise relacionada à preparação, tanto por parte dos organizadores quanto dos participantes da festividade.

Com base na construção desse olhar, foi possível transcrever, mediante relatos e vivências, os passos que tecem a Festa do Moqueado, buscando compreender melhor cultura Tembé. Para Cardano (2017, p. 107), “observação participante [é] uma técnica de pesquisa na qual a proximidade com o objeto transforma-se no compartilhamento da experiência das pessoas envolvidas no estudo”. Essa proximidade mencionada pelo autor foi realizada a partir de uma verificação da imersão dos Tembé-Tenetehara no universo tecnológico, quando se observaram os tipos de interações que se entrelaçam por meio das mídias digitais e de que forma eles aproximam essa comunidade com a sociedade global em rede.

Diante disso, fez-se necessária a observação de todo o processo que rege a festividade, bem como a verificação de registros fotográficos realizados pela própria comunidade e a análise de como essas imagens divulgadas nas mídias sociais *on-line* contribuem para a visibilidade, memória e resistência do povo Tembé.

Para Peruzzo (2005, p. 125), “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. Por conta disso, diante das implicações metodológicas, realizamos uma observação revelada, pois negociamos com o cacique Naldo Tembé a nossa participação por um certo tempo no contexto social em estudo, na busca de interpretar aspectos da cultura Tembé, adequando os procedimentos observativos.

Assim, o percurso de constituição deste texto inicia-se com uma abordagem para situar a localidade dos indígenas Tembé-Tenetehara do Alto Rio Guamá – lócus da pesquisa –, a partir das mídias digitais utilizadas por eles durante a Festa do Moqueado. A incursão finaliza com algumas reflexões acerca da importância da mídia na divulgação do evento e como espaço de socialização de diferentes culturas e tradições presentes na Amazônia paraense.

A SOCIEDADE TEMBÉ-TENETEHARA DO ALTO RIO GUAMÁ (TIARG)

A aldeia sede destaca-se pela infraestrutura presente. Logo no início da localidade, observa-se a escola e o posto de saúde. Na comunidade, há um grande número de moradores. De acordo com o Instituto Socioambiental (2021), a aldeia indígena de TIARG está dividida em sete aldeias, habitadas oficialmente por 1.879 indígenas, que vivem em terras legalizadas. Para Neves e Cardoso (2015, p. 21), “TIARG, hoje, é resultado de um processo histórico que envolveu a participação [...] Tembé-Tenetehara e a atuação de algumas instituições como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e o Ministério Público”. É importante ressaltar que o ritual do Moqueado aconteceu na aldeia sede, ou seja, ao adentrarmos a aldeia, no início da semana, observamos a chegada de diversos indígenas, pertencentes principalmente a outras terras dos Tembé-Tenetehara.

Durante contato com o povo Tembé, foi possível observar o forte elo das práticas de uma cultura plural, constituída principalmente pela transmissão oralizada da população com uma formação cultural voltada às tradições.

Além disso, o percurso histórico que teve início em meados do século XIX revela a constituição de um povo de tradição e cultura peculiar que tem marcas históricas de lutas pelo direito à terra, saindo do Estado do Maranhão em direção ao Pará, situando-se mais especificamente nas proximidades dos rios Gurupi, Guamá e Capim.

Um dos destaques de uma diversidade de enfrentamentos consiste num fato ocorrido em 1998, quando 77 homens Tembé foram aprisionados, durante três dias, por fazendeiros da região, em condições degradantes, sem direito à água, num espaço pequeno e com constantes ameaças de morte. Segundo o cacique Naldo Tembé¹, o governo sempre quis acabar com os povos indígenas, acusando-os de não serem mais índios e buscando maneiras de acabar com sua cultura. Essas lutas desvelam os retratos de uma realidade social caracterizada pelas grandes exclusões sociais aos serviços públicos.

Com relação à aldeia sede, o deslocamento pode ocorrer de duas maneiras. A primeira, pelo município de Capitão Poço, com uma pequena travessia de rabeta. A outra forma é pela via terrestre, a partir da BR-316, no

¹ Nasceu em 23/03/1971, no município de Ourém, Estado do Pará. Está com 47 anos, é casado, possui ensino médio completo e sua principal ocupação é a agricultura (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2016).

município de Santa Luzia do Pará, acessando, em seguida, o Km-14, em uma comunidade chamada Pitoró.

O RITUAL DO MOQUEADO

Com o nome tradicional de *Wyra Whan*, a “Festa do Moqueado”, ou “Festa da Moça”, é considerada um dos rituais mais importantes para a etnia Tembé. Trata-se de um ritual de passagem tanto da menina quanto do menino para a fase adulta. São aptas a participar meninas que já tiveram a sua primeira menstruação e os meninos que já apresentam indicações corporais de que estão na puberdade. De acordo com Benedict,

Para compreendermos as instituições da puberdade, não precisamos muito de análises da necessária natureza dos ritos de passagem, mas sim do conhecimento do que diferentes culturas identificam com o início da vida adulta e seus métodos de admissão na nova condição. O que condiciona o cerimonial da puberdade não é a puberdade biológica, mas sim o significado da condição de adulto nessa cultura (BENEDICT, 2013, p. 29).

A cerimônia possui diversos momentos, como danças, cânticos, pinturas corporais e caças de animais. Durante o período que antecede a festa, os homens saem em busca de alimentos que são consumidos nos dias do ritual, como é o caso de animais, como nambu, porcão, catitu e guariba.

Para a realização da festividade, durante uma semana, reúnem-se diversas famílias indígenas pertencentes a várias aldeias da etnia Tembé-Tenetehara. Essas famílias convidadas dormem em redes em um barracão que fica no centro da aldeia sede, mesmo local em que acontece o ritual. No decorrer do período da realização do ritual, os meninos e as meninas que são iniciados passam por uma dieta à base de peixe. Segundo o cacique Naldo Tembé², essa dieta significa a pureza e purificação do corpo.

Pontes Junior (2017, p. 84), em relato de pesquisa sobre a referida festa Tembé, reforça que “Nesse período [meninos e meninas] são submetidos a uma dieta rigorosa à base de peixe – as carnes de caça e de aves são

² Entrevista concedida a uma das autoras, na aldeia sede Tembé, em Capitão Poço, em agosto de 2019, durante a Festa do Moqueado.

proibidas. Isso tem profunda relação com a limpeza e purificação do corpo e do espírito”.

Além disso, observamos que, durante a semana, acontecem diversas atividades, como é o caso da pintura corporal. No fim da semana da festividade, as meninas começam a ser banhadas com o jenipapo, para que, no último dia da festa, seu corpo esteja totalmente coberto pela tinta natural. Já para os meninos, acontece de forma diferente: as mulheres da aldeia realizam, no último dia, uma pintura especial à base de jenipapo nos meninos, traçando linhas que percorrem o corpo e fazendo desenhos que simbolizam a pata da onça. Também foi possível observar o interesse (tanto dos organizadores quanto das pessoas convidadas) de realizar os grafismos, que variavam bastante e eram representados por diversos símbolos, como estrela, meia-lua, pata da onça, meia cuia, cobra, entre outros.

Todo o ritual acontece no barracão, que passa inicialmente por um processo de defumação, feito por uma senhora idosa da etnia Tembé, que se desloca ao redor do espaço enquanto realiza a defumação. Esse processo ocorre antes da entrada dos meninos e das meninas no ambiente. Outro fator visualizado foi a aproximação do pajé, que passa por cada menina, gesticulando com as mãos em direção a suas cabeças e seus úteros. Nesse contexto, foi possível observar a importância do pajé durante todo o ritual, pois é ele quem indica os passos e as músicas e configura toda a religiosidade da festa. De acordo com Jordy Filho (2016, p. 84), “O Pajé é o intermediário entre o mundo dos espíritos e o material. Ele discursa. Faz um ritual de fortalecimento dos jovens contra doenças”.

Chega-se, neste momento, ao destaque para os cânticos. Na Festa do Moqueado, existe um grupo de homens responsável pela parte sonora do evento, o qual utiliza o maracá como principal instrumento. Esse grupo produz músicas relacionadas aos animais, aos colares, à criação do mundo ou mesmo ao povo Tembé. De acordo com explicação de Piná Tembé, cacique da aldeia Ituaçu, da etnia Tembé, caso o cântico de um animal considerado da noite ocorra durante o dia, o ritmo se modifica, os passos são acelerados, como uma forma de chamar os que eles denominam de “Caruaras”, considerados espíritos que podem ser tanto de animais quanto de pessoas. Em conversa com esse cacique, ouvimos a seguinte narrativa:

Quando batem os pés, estão elogiando a importância daquele animal, é muito bonito! A música durante o dia, são elogios a animais do dia, agora tem pássaro que está dormindo, porque ele é da noite. Esse pássaro não se canta, se nós cantarmos ele agora de dia, aí dá “Caruara”.

Só dá “Caruara” quando eles querem, quando o cantor que, aí eles puxam, entendeu?

Quando é umas duas horas da tarde, eles são danados para cantar músicas dos bichos da noite, sabe! Eles fazem de propósito mesmo. Quem tiver de corpo aberto recebe na hora, é engraçado.

Quem puxa os “Caruaras”, os espíritos, são os cantores. O significado das músicas o Pajé passa para nós, indígenas, o branco não ia entender, porque esse segredo todo é religioso, então o Pajé não passa. Tem músicas que são relacionadas a um animal em específico e outras de maneira geral [...] (CACIQUE PINÁ TEMBÉ, informação verbal, 2019).

As palavras do cacique nos reportam aos estudos de Lévi-Strauss (2012, p. 276): “graças ao ritual, o passado ‘disjunto’ do mito articula-se de um lado com a periodicidade biológica e sazonal e de outro com o passado ‘conjunto’ que liga ao longo das gerações os mortos e os vivos”.

Essa ligação identificada pelo autor pôde ser observada nos cânticos, a partir dos quais são utilizadas as marcações das danças. Assim, na Festa do Moqueado, os pares dançam, circulando no barracão, destacando-se as batidas dos pés, que vão intensificando-se ao ritmo da música.

Outro item importante é que as danças sempre principiam pelos meninos e pelas meninas que estão sendo iniciados na festa da Moça, só depois deles os demais participantes da festa podem tomar parte, realizando os mesmos passos. Com relação aos convidados, como é o caso de nós, pesquisadores, esses passos inicialmente são feitos mimeticamente e, somente depois que os dias se passam, podemos ter uma compreensão das interações que fazem parte dessa etapa do ritual.

Para Cardano (2017, p. 117), o corpo participante ganha uma dimensão interativa: “um corpo que não é apenas móvel de um aparelho observativo, mas que se torna ele mesmo instrumento de aprendizagem”. Nessa perspectiva, esse corpo como instrumento de aprendizagem pode ser visto também durante a parte considerada lúdica da festa. Trata-se do momento em que surge a guariba, uma espécie de macaco, que é mumificada e enfeitada, que fica no colo de um indígena que dança e usa um fumo ao redor dos participantes da festa. Ele circula principalmente ao redor dos iniciados. Esse movimento tem o objetivo de fazer com que meninos e/ou meninas sorrissem, o que, segundo relatos dos organizadores do ritual, não pode acontecer durante a festa, fator esse que demonstra que eles já se encontram

preparados para representar seu povo, pois já estão maduros para honrar sua população.

Reconstruindo-se detalhes do ritual, ressalta-se o último dia: os procedimentos do ritual iniciam-se bem cedo, após o café da manhã. Nesse momento, os iniciados são direcionados para a lateral do espaço (do barracão) e são posicionados sobre uma esteira de palha, onde se corta um pedaço do cabelo das meninas, deixando-as com uma franja curta sobre a testa. De acordo com Kudan Tembê, professora da aldeia sede, essa parte do ritual significa crescimento, mudança na etapa de suas vidas (informação verbal)³. O próximo passo é banhá-las novamente no jenipapo, trabalho realizado pelas mulheres Tembê, que posteriormente inserem o colar, adornam as cabeças das moças e as vestem com uma saia branca que chega à altura dos pés delas. Já para os meninos, é realizada a pintura corporal, feita por meio de traçados e desenhos que simbolizam animais; e, em seu rosto, na área correspondente ao bigode e à barba, é feita uma pintura que simboliza barba e bigodes de um homem na fase adulta.

Na etapa seguinte, são colocados os colares ao redor do seu corpo e, no centro de suas cabeças, passa-se uma seiva que é retirada pelos chamados raizeiros, como afirma, em sua narrativa oral, o cacique Piná Tembê:

Quem tira o cipó são os raizeiros, que conhecem, não é mais o Pajé, são os raizeiros, que conhecem as raízes. Aqui nós temos três raizeiros, eles pegam o cipó e trazem. Esse cipó tem um leite, esse leite passa na moça e nos meninos. Aí põe uma pena branca, a representação da paz! Em seguida, vão colocar os colares, cada colar vai ter uma cor, quando eles começam a cantar, começam pelo colar branco até chegar o último colar, dura um meio dia todinho. Vão cantando e dançando para os colares. Se não cantar na sequência certa dos colares, pode trazer problema para a menina. Então quem coloca é a professora Kudan, ela que conhece, coloca direitinho, para não errar. Se errar, a menina pode adoecer, até mesmo morrer, ou trazer problemas para o resto da vida. Tem muito segredo aqui, né? [...] (PINÁ TEMBÊ, informação verbal, 2019)⁴.

Podemos observar essa sequência da narrativa do cacique quando visualizamos a seiva para colar as penas de pássaros na cor branca, a

³ Entrevista concedida a uma das autoras. Capitão Poço, ago. 2019.

⁴ Entrevista concedida a uma das autoras. Capitão Poço, ago. 2019.

inserção de um adereço que é colocado nas cabeças, também as saias feitas de palha na direção dos joelhos e os colares nos pescoços.

De acordo com Cardano (2017, p. 117), “Com a observação participante nos propomos, na verdade, a explicar também o conhecimento tácito que constitui o cenário da interação social”. Esse cenário de interação pode ser visto quando as meninas oferecem aos convidados um bolinho de carne moqueada, que é colocado em uma pequena peneira; cada uma oferece um punhado, que é adicionado à mão de cada participante, que, em seguida, leva-o à boca.

Nesse momento, chega-se à etapa final do ritual do Moqueado. Ambos, meninos e meninas, dançam primeiramente na parte externa do barracão, e os convidados se juntam a essa dança, compondo os mesmos passos. Então, surgem homens e mulheres indígenas com roupas, acessórios e pinturas corporais muito variadas, os quais adentram o barracão, dando encerramento ao ritual do Moqueado com uma grande confraternização, feita por meio de uma dança, que parece mais uma corrente humana, denominada “rabo de arraia”.

Dessa forma, percebeu-se que, em todos os momentos do ritual, há a socialização com a cultura, envolvendo os anciões, os adultos, os iniciados, os demais elementos da aldeia e os visitantes previamente autorizados, pesquisadores ou jornalistas. Para esses últimos participantes, são dados explicações e esclarecimentos práticos sobre as regras e as práticas que fazem parte do ritual, bem como sobre quando cada um pode se envolver e participar.

OS TEMBÉ-TENETEHARA E O USO DE MÍDIAS DIGITAIS DURANTE O RITUAL

Ampliando as formas de se preservar a cultura, a aldeia usa equipamentos próprios e permite-se fazer uso das mídias digitais. Portanto, é importante destacar que toda a festividade foi filmada por equipes de jornalismo que foram previamente autorizadas a registrar a festa. Assim, observamos o contato interétnico dos Tembé ao incorporarem o uso de tecnologias digitais ao seu cotidiano, reforçando a sua cultura e se adequando para promover o registro da festividade. Registra-se que, no caso do ano de 2019, estava presente na aldeia sede Tembé uma equipe de jornalistas da França, realizando os registros do ritual. Também estavam presentes pesquisadores de diferentes universidades, igualmente autorizados de forma antecipada, de modo que eles puderam registrar dados e informações que serviriam de apoio a suas pesquisas acadêmicas. É

importante mencionar que não foi autorizado o registro do momento do “Caruara”, referido anteriormente.

Observa-se, na realização do evento, a convergência midiática, seja pela equipe de jornalismo, que utiliza diversos instrumentos tecnológicos para registrar seu material de trabalho, seja pelos pesquisadores ali presentes, com suas câmeras, *smartphones*, gravadores, *tablets*, *notebooks*, entre outros aparatos tecnológicos utilizados para melhor registro de suas pesquisas. Além disso, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que estão levantando dados, estão também compartilhando informações em suas mídias sociais, por meio de registros de suas atividades de campo. Para Jenkins, Ford e Green (2014, p. 57), “Comunidades abraçaram as novas tecnologias conforme foram aparecendo, em especial quando esses recursos lhes ofereciam novos meios de interagir social e culturalmente”.

Salienta-se que a convergência midiática não é só direcionada com foco no grupo de jornalistas e pesquisadores, há atuação da própria população indígena, que manuseia diversas tecnologias de comunicação e informação durante a Festa do Moqueado e também compartilha informações e momentos da Festa, sobretudo fotografias, em suas mídias sociais *on-line*. Conforme Neves e Cardoso (2019, p. 107), “a circulação das fotografias, nos mais diferentes meios de comunicação, é parte bastante significativa dos processos de (re)produção das identidades indígenas”.

Os dispositivos que mais se destacaram em relação ao uso pela população Tembé foram os aparelhos celulares. Alguns familiares registraram, por meio de fotografias digitais, os iniciados da festa. Além disso, os encontros com outros familiares foram reproduzidos principalmente por meio de imagens e vídeos digitais, com destaque para a ocorrência de vários registros de *selfies*⁵, como no caso do encontro de caciques com o principal responsável pelas músicas da festa, momento que pode ser observado na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Selfie com os caciques do povo Tembé da terra indígena Alto Rio Guamá.

⁵ Fotografia que alguém tira de si mesmo, geralmente utilizando um celular, para divulgar em redes sociais; autorretrato, fotografia (DICIONÁRIO ONLINE, 2021).



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Foto de Adriana Lima (2019).

Na imagem, observa-se o cacique Piná Tembé fazendo o registro fotográfico por meio de *selfie*; junto a ele, encontram-se o responsável pelas músicas da Festa da Moça e o cacique Naldo Tembé. Esse registro mostra como as comunidades indígenas vêm apropriando-se das tecnologias, utilizando os recursos tecnológicos como registro de memória, evidenciando aspectos ligados às relações interpessoais, às experiências coletivas e, principalmente, às interações presentes durante a festividade. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2016, p. 14), “redes móveis, redes sociais e dispositivos sensoriais estão reconstruindo o mundo através de uma rede em tempo real, conectada”.

Em conversa com o cacique Piná Tembé, ouvimos o seguinte relato:

Penso assim que essa ideologia de que nós usamos coisas dos brancos, a gente deixa de ser índio, é, para mim, isso é discriminação. Quer dizer que nós não podemos usar o que é do branco, ou então é, talvez medir nossa capacidade. Então, isso aí é discriminação. Tem que entender que nós, se hoje a forma que nós temos, digamos assim, de divulgar nossa

cultura para ter isso como arquivo é usando a tecnologia, nós não temos outro jeito, né?, de guardar, de fazer essa memória. Então, temos que utilizar [...] (PINÁ TEMBÉ, informação verbal, 2019)⁶.

As práticas de uso de aparelhos e mídias digitais pela comunidade Tembé apresentadas pelo cacique podem ser observadas por meio do manuseio da tecnologia durante o ritual. Em situações que ocorrem paralelamente, tais práticas também são perceptíveis, como no entretenimento das crianças indígenas, conforme mostra a Figura 2:

Figura 2: Criança indígena com smartphone.



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Foto de Nice Miranda (2019).

Esse registro mostra uma criança indígena no colo da mãe quando todos estão dançando ao redor do barracão.

Assim, ao longo do percurso, a partir da observação das pessoas envolvidas no estudo, das interações sociais, chamou bastante atenção o fato de a criança estar utilizando um celular para distração, situação que reforça a característica dessa nova geração, imersa no universo digital – e esse

⁶ Entrevista concedida a uma das autoras. Capitão Poço, ago. 2019.

fenômeno não é diferente no caso das crianças Tembé. Essa geração realiza diversas atividades ao mesmo tempo: no mesmo momento em que observa os passos da marcação da dança, a criança usa o *smartphone* para jogar, para registrar e visualizar fotos, assistir a vídeos *on-line* etc.

Esse fato marca a presença da tecnologia digital nos mais diferentes contextos, influenciando, inclusive, costumes e tradições. Acerca desse assunto, Don Tapscott (2010, p. 10) afirma que “é por meio da utilização da mídia digital que a Geração Internet vai desenvolver e impor sua cultura ao resto da sociedade”.

Muitos utilizam também as mídias sociais para atingir um público ainda maior, ou seja, a aldeia global, chamada internet. Muitas imagens registradas pelos próprios indígenas são inseridas nas redes sociais *on-line*. Com isso, eles rompem a barreira de espaço/tempo, pois circulam ao mesmo tempo em que o ritual está ocorrendo na forma presencial, com local e data definidos. Para Gallois e Carelli (1995, p. 256), “A preservação de imagens significativas para a memória dos povos indígenas só ganha sentido quando colocadas à disposição desses povos, para que eles, enquanto sujeitos de seu futuro, as utilizem no processo de revisão de suas identidades.”

Nesse sentido, podemos afirmar que existe uma preservação da memória em relação ao ritual, quando as imagens ganham o universo virtual, quando são compartilhadas em diversas mídias, seja nas páginas das redes sociais, seja no WhatsApp, para visualização de outros povos indígenas, ou mesmo para aqueles que são da etnia Tembé e que, por algum motivo, não puderam estar presentes no encontro, como os que estão estudando nas universidades ou mesmo trabalhando fora da comunidade. De acordo com Ciro Marcondes Filho (2013, p. 87), nesse contexto as relações de espaço ganham uma nova dimensão: “é um espaço que se visita permanecendo-se fisicamente no mesmo lugar de origem. As pessoas habitam simultaneamente em dois espaços, a mente se cliva em duas realidades”.

Figura 3: Registros fotográficos do cacique Piná Tembé



Fonte: arquivo pessoal das autoras. Foto de Adriana Lima (2019).

Diante das informações, pode-se dizer que os povos indígenas divulgam sua cultura e tradição de forma independente e autônoma, inserindo sua identidade quando compartilham suas ações em suas redes sociais da internet, divulgando registros de narrativas e imagens feitas a partir de um olhar próprio, de dentro, para o ritual (Figura 3). Sobre tradições, Benedict (2013, p. 14) afirma que:

A história de vida da pessoa é primeiro e acima de tudo uma adaptação aos padrões e critérios tradicionalmente transmitidos de uma geração para outra na sua comunidade. Desde o nascimento do indivíduo, os costumes da sociedade em que eles nascem moldam sua experiência e seu comportamento.

Figura 4: Registros fotográficos do cacique Piná Tembê.

A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS ON-LINE PELO POVO INDÍGENA TEMBÉ-TENETEHARA DURANTE A FESTA DO MOQUEADO



Fonte: Tembê Tenetehar (2019).

A Figura 4 mostra o perfil de dois homens da etnia Tembê na plataforma Facebook, demonstrando o poder dessa rede social para publicizar a festividade. Observam-se na imagem curtidas, comentários, lembranças e até mesmo compartilhamento. Sobre esse assunto das publicações direcionadas às redes sociais *on-line*, conversamos com o cacique Piná Tembê a respeito da utilização dessas mídias digitais. O posicionamento dele foi o seguinte:

Eu quero que todos saibam que nós, indígenas, nós somos cidadãos brasileiros, apenas de cultura diferente, entendeu? E que nós temos todo o potencial de crescimento, a gente tem claro que a cultura, ela é dinâmica, a cultura, ela muda com o decorrer do tempo, ninguém nasce com cultura, a cultura, ela é adquirida a partir da convivência social. A gente aprende a

cultura com a sociedade na qual a gente convive. Então, há 500 anos atrás, nós vivíamos libertado, nós tinha liberdade de viver nossa cultura, nossa vida, não é? Até que começa a invasão do Brasil. Começando a invasão do Brasil, nós começa a ter outros conhecimentos, nós começa a ter outras estratégias de vida, nós começa a se integrar, muitas das vezes forçado a uma sociedade diferente da nossa. Então, nós também, como cidadão brasileiro, nós somos passivo a crescimento, nós somos passivo ao erro, nós somos passivo a tudo, como qualquer outro cidadão. Agora, nós temos a nossa cultura, nós não esquecemos a nossa cultura, o fato de se usar coisas que não é da nossa cultura, isso não significa que nós deixamos de ser o que nós somos. Senão, não sei se vocês conhecem, mas tem papagaio que fala, eu mesmo tenho macaco lá em casa, entendeu? Que hoje não quer mais comer banana, quer comer feijão, arroz, macarrão e carne, mudou sua forma de vida, por causa da convivência dele, o papagaio hoje fala, por que que ele mudou? Porque nós tiramos ele da floresta, e ele teve uma outra convivência, uma outra convivência social, entendeu? Então, isso não deixou de ser macaco, não deixou de ser papagaio, continua sendo macaco e papagaio com outra língua, com outra maneira de se organizar, de se alimentar, uma outra educação alimentar, não é? E, quando então, nós usamos outras maneiras de se organizar, de viver, não significa que nós deixamos de ser índio! Senão, eu vejo a grande maioria do povo brasileiro, que se diz brasileiro vestindo roupa, entendeu? fabricada em outros países, eu vejo isso. E usam carros fabricados em outros países, relógios fabricados em outros países, sapatos fabricados em outros países, até falam outras línguas, mas não deixaram de ser brasileiros, deixaram? Então acho que essa questão é uma questão de preconceito, de achar que nós somos incapazes, de achar que nós não somos cidadãos brasileiros, de achar que nós temos que viver sempre do jeito que eles acham que nós temos que viver, entendeu? Nós não somos a tutelados da sociedade brasileira, nós temos o direito de viver aquilo que nós achamos que temos que viver, entendeu? [...] (PINÁ TEMBÉ, informação verbal, 2019)⁷.

Essa relação da mídia com a cultura indígena pode ser observada durante o ritual do Moqueado, que é repleto de significados místicos, o que,

⁷ Entrevista concedida a uma das autoras, em Capitão Poço em agosto de 2019.

muitas vezes, torna difícil o entendimento para quem não está inserido nessa cultura. Assim, a publicação de narrativas midiáticas e de imagens auxilia não só na divulgação da tradição, mas também na compreensão desse processo ancestral do povo Tembé-Tenetehara.

Para Gregolin (2003, p. 97), “A mídia participa ativamente na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade.” Tomando-se por base o pensamento da autora, pode-se afirmar que essa mídia participativa pode ser visualizada por meio da relação que se estabelece entre os rituais dos Tembé-Tenetehara e as modalidades de comunicação a partir das mídias digitais. Isso permite que esses rituais de passagem, os quais não foram compreendidos em sua plenitude pela população de modo geral, possuam maior possibilidade de valorização e de entendimento das tradições dos povos ancestrais quando são compartilhados coletivamente no mundo virtual.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

A observação participante realizada na aldeia sede dos Tembé-Tenetehara foi relevante para compreender o ritual da festa do Moqueado. Observou-se que há toda uma preparação e movimentação dos organizadores e participantes da festa. A partir desta análise, foi possível compartilhar narrativas e vivências relacionadas ao povo Tembé, com base na observação da realização da semana da Festa do Moqueado. A interação com a referida comunidade possibilitou-nos uma compreensão mais aprofundada de elementos identitários e de práticas culturais da etnia Tembé. Para isso, foi necessário perceber o silêncio e demonstrar interesse e respeito pelo ritual de ancestralidade, vivenciado no contexto da observação dos passos, dos cânticos, das pinturas corporais, das narrativas orais, entre outros.

Um ponto importante a considerar são as relações sociais que se tecem das mais variadas formas. Este artigo buscou demonstrar não só as relações mais profundas, como as manifestações demonstradas durante todo o processo do ritual no formato presencial, como também as relações que ocorrem a partir do uso das mídias sociais *on-line*.

Nesse ponto, considera-se que, por meio da utilização da tecnologia, o povo Tembé interage não só com sua comunidade indígena, como também com a comunidade global. Assim, ao verificar as contas inseridas nas mídias sociais na internet dos povos indígenas, verifica-se que eles utilizam as

ferramentas tecnológicas de informação e comunicação para diversos fins, seja na divulgação de suas tradições, destacando sua cultura, seja até mesmo como forma de denunciar crimes ambientais, defendendo seus direitos e mostrando suas condições de vida, suas lutas diárias por reconhecimento.

Nesse aspecto, a pesquisa evidencia a interação realizada a partir dos compartilhamentos de imagens e de textos relacionados à tradicional Festa da Moça nas redes sociais da internet de moradores da comunidade Tembé. Diante disso, observou-se a utilização das tecnologias pelos povos indígenas e a forma como compartilham essas informações no universo virtual. Para abordar essa relação, utilizaram-se imagens do ritual do Moqueado que mostram os indígenas manuseando equipamentos, como é o caso do *smartphone*. Posteriormente, buscou-se identificar a divulgação de narrativas midiáticas e imagens tiradas por eles mesmos em seus aparelhos celulares e compartilhadas em suas mídias sociais *on-line*, como no caso da plataforma Facebook.

Assim, essa divulgação, que utilizou como base a internet, permite que a própria comunidade Tembé tenha acesso aos registros do ritual, bem como o tenham os não indígenas, que, por vezes, apresentam dificuldades de entender o significado desse ritual de passagem. Ante o exposto, pode-se afirmar que a internet se tornou uma ferramenta de comunicação e socialização fundamental para esse povo. Além disso, destaca-se a relevância das mídias sociais virtuais no processo de compreensão e valorização das culturas indígenas e a consequente construção do respeito a elas.

REFERÊNCIAS

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vicent. Diálogo entre os povos indígenas: a experiência de dois encontros mediados pelo vídeo. **Revista de Antropologia**, v. 38, n. 1, p. 205-259, 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1995.111448>.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Paulo: Claraluz, 2003.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Tembé. **Instituto Socioambiental**, [on-line], 20 jan. 2021. Disponível em: tinyurl.com/2tu6decc. Acesso em: 20 abr. 2021.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia programável**. São Paulo: Aleph, 2014.

JORDY FILHO, Nassif Ricci. **Narrativas orais Tembé-Tenete-hara: percursos etnográficos, memórias e resistências**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Nova teoria da comunicação: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus, 2013. v. 1.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>.

NEVES, Ivânia dos Santos; CARDOSO, Ana Shirley Penaforte. Entre corpos, falas e fotografias: processos de mediação entre os Tembé-Tenete-hara. In: HASHIGUTI, Simone Tiemi (org.). **O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos**. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 105-116.

NEVES, Ivânia dos Santos; CARDOSO, Ana Shirley Penaforte. **Patrimônio Cultural Tembé-Tenete-hara: terra indígena Alto Rio Guamá**. Belém: Iphan-PA, 2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-145.

PONTES JUNIOR, Felício. **Povos da Floresta: cultura, resistência e esperança**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SELFIE. In: DICIONÁRIO online de Português. [S. l.]: Dicio, [2021]. Disponível em: tinyurl.com/fzk89r3z. Acesso em: 6 abr. 2021.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas ao governo.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TEMBÉ TENETE HAR, Myguel. Festa do Moqueado [...]. **Facebook**, [on-line], 1 set. 2019. Disponível em: tinyurl.com/fzk89r3z. Acesso em: 10 maio 2021.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Naldo Tembê. **Eleições 2016**, [on-line], 2016. Disponível em: tinyurl.com/3j7h7h24. Acesso em: 15 maio 2021.